

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Samuel Novaes Guimarães

OBALUAÊ, O MÉDICO ENTRE OS ORIXÁS

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel. Orientador: Profº Dr. Volney J. Berkenbrock.

Juiz de Fora/MG

2017

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **SAMUEL NOVAES GUIMARÃES**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201572117A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **OBALUAÊ, O MÉDICO ENTRE OS ORIXÁS**, desenvolvido durante o período de 16/03/2017 a 14/11/2017 sob a orientação de VOLNEY JOSÉ BERKENBROCK, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de _____.

SAMUEL NOVAES GUIMARÃES

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humana

OBALUAÊ, O MÉDICO ENTRE OS ORIXÁS

Samuel Novaes Guimarães¹

RESUMO

O objetivo deste texto é apresentar a figura do orixá Obaluaê a partir da análise de diversas bibliografias. O texto se inicia com uma apresentação da cosmovisão do candomblé e com a apresentação de Olorum, o ser supremo, e das três forças que dele nascem. A partir desse momento o texto apresenta as funções macro e as funções específicas de cada orixá, tendo em vista que eles são agentes de Olorum e regem determinados conjuntos de matérias e de forças através de Olorum. Apresentado a função de cada orixá chega-se, então, à apresentação da figura de Obaluaê. O trabalho, então, passa a dissertar sobre esse orixá, focando nos seus mitos, nos seus ritos, na sua figura física e na sua personalidade mítica, além das suas funções, das suas forças e elementos e de seus filhos, chamados de omolussi. Após o fim do texto é possível enxergar as muitas faces desse orixá e entender como ele se situa dentre todos os outros.

PALAVRAS CHAVE: Candomblé. Orixás. Obaluaê. Dualidade. Doença e cura.

ABSTRACT

The purpose of this text is to present the orixá Obaluaê figure from the analysis of several bibliographies. The text begins with a presentation of the worldview of candomblé and with the presentation of Olorum, the supreme being, and of the three forces that are born of him. From that moment the text presents the macro functions and the specific functions of each Orixá, since they are agents of Olorum and govern certain sets of materials and forces through Olorum. Presented with the function of each orixá, we arrive, then, the presentation of the figure of Obaluaê. The work then proceeds to lecture on this orixá, focusing on its mythology, its rites, its physical figure and its mythical personality, besides its functions, its forces and elements and its children, called omolussi. After the work is done, it is possible to see the many faces of this orixá and to understand how it is situated among all the others.

KEYWORDS: Candomblé. Orixás. Obaluaê. Duality. Disease and cure.

1. Introdução

Esse trabalho visa apresentar de maneira geral a figura do orixá Obaluaê. O texto será dividido em três partes, sendo a primeira responsável por apresentar a cosmovisão do candomblé, a segunda por apresentar as funções dos orixás, de maneira geral e específica, e a última e mais importante parte desse trabalho tem a função de reunir e apresentar a figura do orixá Obaluaê.

Na primeira das três partes do texto, onde será apresentada a cosmovisão do candomblé, serão trabalhados conceitos como os de Aiye, Orum (e a relação entre eles), a figura de Olorum e também a sua relação com os Orixás e as três forças (Iwá, Axé e Abá).

A segunda parte vai mostrar tanto a função macro dos orixás na cosmovisão do candomblé quanto a função específica dos orixás de maior repercussão no Brasil, sendo eles: Exu, Ogun, Oxóssi, Ossaim, Oxumarê, Iemanjá, Oxum, Iansã, Xangô, Oxalá, Obaluaê e Nanã.

Dentro da terceira parte, foco principal do trabalho, serão feitas algumas subdivisões. A primeira subdivisão será a da mitologia. Nessa parte serão apresentadas as principais mitologias a respeito de Obaluaê. Foram selecionadas as histórias que são mais relevantes para a compreensão da personalidade, da vestimenta

¹ Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: samuelbuarquedeholanda@hotmail.com
Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel.
Orientador: Profº Dr. Volney J. Berkenbrock.

e dos domínios do orixá. Na segunda subdivisão serão apresentados os principais ritos que envolvem o orixá, e na terceira e última subdivisão vão ser colocadas as principais características dos filhos deste orixá.

Este texto foi pensado como um sintetizador de diversos livros e artigos divulgados a respeito dos orixás. Neste trabalho, especificamente, sintetizarei a partir da análise de diversos materiais o conhecimento base e básico a respeito da figura de Omolu– um dos vários nomes de Obaluaê. Este trabalho ganha relevância muito por conta desse processo de pesquisa, garimpo e síntese em um só escrito de conhecimentos presentes em uma vasta quantidade de livros. Este texto visa compilar diversos trabalhos, sendo a maioria deles voltados para os orixás de maneira geral, e colocá-los juntos em um mesmo local, tendo como foco a figura de Obaluaê.

O interesse para com este orixá se deu primeiramente pela complexidade dos seus poderes, e pela sua narrativa mitológica. Obaluaê é quem cura e quem traz a doença. Obaluaê pode ser o fim como também pode ser o começo. Quando se trata desse orixá, nada é preto no branco. Obaluaê é retrato de uma religião complexa, é divindade de uma crença onde não existem absolutos positivos e absolutos negativos. Esse texto versará então a respeito desse orixá, que traz a cura e a doença, aquele que espalha e retira a peste.

Por fim, para encerrar essa introdução e dar início ao corpo teórico do texto cabe apenas uma observação para facilitar a leitura e a compreensão do trabalho. Muitas vezes o leitor verá nomes como Omulu, Xapanã e Sapatá e pode achar que estamos tratando de outros orixás, porém, todos esses nomes fazem referência ao mesmo orixá no Brasil: Obaluaê.

2. – A Cosmovisão do Candomblé

A primeira coisa que precisa ser dita sobre a cosmovisão do candomblé é a respeito dos dois níveis de existência. Na cosmovisão desta religião, o universo subsiste ou acontece em dois níveis. Estes dois níveis de existência são: o Aiye e o Orum. O Aiye é o mundo dos seres vivos, seus habitantes são chamados de Ara-Aiye (literalmente, corpos do Aiye) e entre eles estão os seres humanos. O Aiye é o nível limitado, é o mundo físico, concreto e material. Tudo que pode ser pego, tocado e apalpado, pertence ao nível do Aiye. O Orum é o nível ilimitado, nele habitam os Ara–Orum, eguns (espíritos dos mortos) e os orixás. O Orum é um nível sobrenatural e imaterial. Tudo que existe só existe dentro desses dois níveis, ambos são paralelos, acontecem simultaneamente. Apesar de serem paralelos a relação entre eles não é uma relação de iguais. O Orum governa e engloba o Aiye.

2.1 Olorum, a origem de tudo

O senhor e principiador do Orum é Olorum, ser supremo, origem e fonte de todas as coisas, criador de tudo e de todos. Olorum está acima de tudo, inclusive dos dois níveis. Contam os Itans, histórias sobre a origem de tudo, que no começo de tudo Olorum existia sozinho, ele era uma massa de ar infindável que lentamente começou a se movimentar e a respirar. Através da sua respiração surgiu a água, a atmosfera e os orixás.

É de Olorum que surgem os orixás, e é dele também que os orixás ganham as suas funções e os seus poderes, as suas forças. Olorum, o ser supremo, é quem dá aos orixás a incumbência de reger o Aiye em seu nome e, para isso, dá a eles a força necessária para tal. Com isso Olorum não intervêm no mundo diretamente, e sim, age através dos orixás. Olorum dá aos orixás áreas de atuação, para que assim através dele, os orixás possam governar as áreas em sua responsabilidade.

Um bom exemplo dessa relação entre Olorum e os orixás é dada no livro *A Experiência dos Orixás* de Volney Berkenbrock. No livro o autor fala que “quando se afirma, por exemplo, que a Obatalá cabe a responsabilidade pela criação, se está afirmando ao mesmo tempo que ele não age em nome próprio, mas de Olorum que a ele confiou o ‘saco da existência’ e o orientou sobre o modo de agir na criação” (BERKENBROCK, 2007,p.184), com isso Olorum não age diretamente, mas sim através dos orixás, espécie de administradores, gerentes do poder de Olorum.

2.2 As três forças

Todas as três forças, assim como tudo mais, vêm de Olorum, o Ser Supremo. Essas três forças são o princípio do universo, e é graças a elas que o universo se mantém em equilíbrio e em dinamismo. A primeira das

três forças é Iwá. Iwá é força da existência, é dela que brota a existência; A segunda força é o Axé, que será melhor explicada no momento em que for falado sobre a importância do culto, que é a força que possibilita que essa a existência continue, desabroche. Segundo Berkenbrock essa é a força mais importante para a existência, pois sem o Axé a existência não teria dinâmica; A terceira e última força é o Abá. O Abá acompanha o axé, dando à dinâmica uma direção, um norte.

2.3 A Relação entre Aiye e Orum

Para começar a entender a relação Aiye e Orum é importante voltar aos Itans, mitos sobre o começo dos tempos. Contam os Itans que no começo dos tempos não havia separação entre o Aiye e o Orum e os habitantes dos dois lados podiam ir e vir livremente, porém, por conta de um erro humano os Ara-Aiye não podem mais andar livremente pelos dois níveis, e só conseguem entrar no Orum através da morte. É interessante ressaltar aqui a ideia da unidade inicial que é perdida por conta de um erro humano, narrativa familiar ao ocidente por conta da similaridade com a narrativa judaica do pecado inicial cometido por Adão e Eva.

A principal característica da relação entre o Aiye e o Orum é a troca, o dar e receber, a oferta e a restituição. É esse dar e receber que mantém o universo, a existência em equilíbrio e funcionando. Essa oferta e restituição são feitas através dos rituais e dos cultos do candomblé e tem como objetivo final a liberação do axé pelos orixás para que a existência ganhe dinâmica e o equilíbrio do universo seja mantido. Porém, para que o axé seja liberado pelos orixás é preciso que os mesmos venham para o Aiye. Para que isso aconteça é necessário que os Ara-Aiye, mais especificamente os iniciados do candomblé, façam a primeira das duas ofertas necessárias.

Essa primeira oferta é a oferta do seu corpo. Como os orixás são habitantes do Orum, mundo imaterial, eles não possuem matéria, muito menos corpo, então os seus filhos, iniciados no candomblé, oferecem o seu corpo para que os orixás possam cavalgar e dançar durante o culto, fazendo assim com que o axé seja liberado. A segunda oferta feita pelos Ara-Aiye são as oferendas. Como os orixás liberam o axé para o Aiye é necessário que os mesmos ganhem algo em troca, a lógica no candomblé é sempre a da oferta e a da restituição, e é aí que entram as oferendas.

A manutenção do equilíbrio entre o Aiye e o Orum e o desejo da volta à unidade inicial perdida no momento em que os orixás tomam os seus filhos é como se o Orum estivesse presente no Aiye, os dois estão ligados pelo menos no momento da incorporação e do culto, é o objetivo máximo de toda a atividade religiosa no candomblé. Esse equilíbrio, como bem ressalta Berkenbrock, não é dado e muito menos é estático e sim tem que ser conquistado permanentemente. Cabe à comunidade religiosa do candomblé a manutenção da harmonia entre os dois níveis de existência através das ofertas - corpo e oferenda - dadas aos orixás que em troca lhe dão o axé. Os adeptos do candomblé têm então uma grande responsabilidade para com o universo segundo esta visão.

3. A Função dos Orixás

Como já foi dito anteriormente, a função dos orixás de maneira geral é a função de administradores, gerentes do poder de Olorum, Deuses que só existem e só agem graças a ele e dele recebem a incumbência de reger o Aiye e as suas respectivas áreas específicas que estão relacionadas à natureza e às dimensões sociais e humana. Tratarei agora sobre os principais orixás, à luz do trabalho de Reginaldo Prandi intitulado "*Deuses africanos no Brasil contemporâneo*", cultuados no Brasil para que o leitor se familiarize e entenda melhor a função dos orixás nas regências específicas incumbidas a eles por Olorum. Serão apresentados no total o número de doze orixás, sendo o último deles Obaluê, tema deste trabalho e que terá um capítulo próprio.

O primeiro orixá que será aqui trabalhado superficialmente é Exu. Exu é o orixá que abre os caminhos. Mensageiro e traçoeiro Exu é um orixá das ruas, das encruzilhadas. Muito ligado à comunicação e à sexualidade. Exu cujas cores são vermelhas e pretas foi sincretizado com o diabo católico, muito por conta da sua personalidade *trickster* e dos seus símbolos: um bastão com formato fálico e um tridente. Sua saudação é Laroyê.

Ogum é o deus da guerra, do ferro e da metalurgia. Por ser um orixá extremamente guerreiro logo foi sincretizado com São Jorge, o santo guerreiro do catolicismo. Seu símbolo é a espada e as suas cores são azul escuro, verde e branco. Sua saudação é Ogunhê.

Oxóssi é o deus da caça, das florestas. Por ser o orixá da caça, Oxóssi está muito ligado à fartura de alimentos. Sua cor é o azul e o seu principal símbolo é o arco e flecha. No Brasil é sincretizado tanto com São Jorge como com São Sebastião. Sua saudação é Okê aro.

Xangô é o deus do trovão e da justiça. É normalmente sincretizado com São Jerônimo e São João. Suas cores são o vermelho e branco e o seu principal símbolo é o oxé, um machado duplo. A sua saudação é Kaôkabiesile.

Oxum é a deusa das águas doces, da fertilidade e do amor. Oxum, senhora da vaidade, é sincretizada com Nossa Senhora das Candeias e a sua cor é o amarelo. O principal símbolo de Oxum é abebê, leque de metal amarelo. Sua saudação é Ora yeyê ô.

Iansã, também conhecida como Oiá, é a deusa dos raios, dos ventos e das tempestades. É uma orixá guerreira, que tem uma imensa relação com os mortos já que os leva deste mundo para o outro mundo. Iansã é sincretizada com Santa Bárbara e as suas cores são o marrom e o vermelho. Seu principal símbolo é uma espada e a sua saudação é Eparrei.

Iemanjá é a deusa dos mares e dos oceanos. Iemanjá é cultuada em todo o Brasil e é tida como a mãe de muitos dos orixás, muito por conta disso está muito ligada à maternidade. Suas cores são o azul, o branco e o verde. É normalmente sincretizada com Nossa Senhora da Conceição e Nossa Senhora Aparecida. Seus principais símbolos são um abano de metal branco e uma espada. Sua saudação é Odoyá.

Oxalá é o deus da criação. Oxalá é a principal divindade do Candomblé depois de Olorum. É sincretizado com Jesus Cristo e a sua cor é o branco. É dividido em duas entidades, Oxaguiã (Oxalá jovem) cujo principal símbolo é uma mão de pilão e uma espada e Oxalufã (Oxalá velho) cujo principal símbolo é o opaxorô, cajado prateado com pingentes que representam a criação do mundo.

Nanã é a deusa das lamas. Está ligada com a senioridade. Suas cores são púrpura, azul e branco. É sincretizada com Santa Ana (ou Santana) e o seu principal símbolo é o ibiri, cetro em forma de arco. Sua saudação é Salubá.

Oxumarê é o orixá do arco-íris, muito cultuado(a) pela comunidade LGBT por ser um orixá andrógino - masculino e feminino. Está associado à riqueza proveniente das colheitas. Seu principal símbolo é a espada e as cobras de metal. É associado, no sincretismo católico, com São Bartolomeu e as suas cores são o amarelo, o verde e o preto. A sua saudação é Arroboboixumarê.

Ossaim é o orixá da vegetação. É Ossaim que detém o conhecimento sobre os remédios, as plantas e principalmente as folhas que podem curar. As suas cores são o verde e branco e no sincretismo católico a sua figura é associada com a de Santo Onofre. Os seus principais símbolos são uma lança e três cabaças que contem folhas sagradas. Sua saudação é Ewé ó.

O último e mais importante orixá para este trabalho é Obaluaê. A ele não cabe apenas um parágrafo e sim todo um capítulo. Será sobre ele, então, que discorrerá o próximo capítulo. Neste capítulo, a sua figura será muito mais trabalhada e desenvolvida do que foram as de todos os demais orixás até aqui. Será abordado, neste capítulo, a sua função, a suas cores, a sua patronagem, a sua saudação, a sua mitologia, o seu sincretismo, os seus símbolos, os seus rituais, as características de seus filhos dentre outros.

4. Obaluaê

Obaluaê, ou Omolu, é o orixá da cura e da doença. Deus da varíola e das pragas, Obaluaê é relacionado com todo tipo de doença física e com as suas respectivas curas. Esse orixá está intrinsecamente relacionado com a terra quente, seca e rígida, ao contrário da sua mãe Nanã que está ligada à terra molhada, a lama. Obaluaê também é associado à febre e ao suor. Febre como sinal de doença que ele rege, e suor como

sinal de cura dessa febre também regida por ele. Além disso, Omolu tem uma ligação com a riqueza, que é explicado em um mito que conta a sua relação com lemanjá, sendo chamado de Jehosu, que significa “O senhor das pérolas”. A Omolu também cabe a regência das perturbações nervosas como a ansiedade e a aflição, além de reger todos os elementos que protegem o ser humano, tais quais a palha e a pele.

Omolu tem diversos nomes. Pode ser chamado de Obaluaê, que significa “Rei dono da terra”, Omolu, que significa “Filho do Senhor”, Xapanã, nome que segundo os adeptos, é perigoso de ser pronunciado, Aion e Sapatá. Obaluaê também é conhecido como lléigbona que significa “Senhor das terras quentes” e babá igbona “Pai da quentura” (BARROS, 2009, p. 244).

O lugar da origem da figura de Obaluaê é incerto, porém, duas regiões surgem como possíveis pontos de origem deste orixá. O primeiro local é o do reino dos Tapás ou Nupês, que são um grupo étnico da região da Nigéria, Níger e Kwara. Essa teoria é apontada no livro de Pierre Verger chamado “Orixás: Deuses iourubás na África e no novo mundo” (VERGER, 1997, p.212 – 213). Neste livro Verger aponta para o fato de que Frobenius escrevera que lhe fora dito que Xapanã tinha sido, em tempos passados, rei dos Tapás. Já no livro “Mitologia dos Orixás” de Reginaldo Prandi (PRANDI, 2001), aparecem muitas referências a um povo e a um reinado específico, o reinado de Daomé. O antigo reino de Daomé ficava onde hoje se encontra o Estado africano do Benim. Nesse livro, Prandi reúne diversos mitos a respeito dos orixás e o reino de Daomé aparece como local de morada e reinado de Obaluaê em pelo menos três dos doze mitos, sendo disparado o mais recorrente e inclusive tendo um mito exclusivamente para ele denominado “Obaluaê conquista o Daomé”. As mitologias de Obaluaê, inclusive, esta supracitada, serão trabalhadas logo após essa breve apresentação da figura de Omolu.

Obaluaê é, segundo a mitologia do candomblé, o filho abandonado de Nanã. Seu pai é Obatalá (MOURA, 2000, p. 179) e os seus irmãos são lewá, Iroco e Bessén (BARROS, 2009, p. 244). Obaluaê é normalmente sincretizado com São Lázaro e São Roque. Dois santos cujas feridas são evidentes e que têm cachorros como acompanhantes, assim como Obaluaê em um mito que será contado mais adiante, e o seu principal símbolo é o Xaxará. O Xaxará é feito com as nervuras das folhas das palmeiras e é enfeitado com pequenas cabaças que representam a contenção dos remédios e das curas. Além disso, é ornamentado com miçangas e búzios. O Xaxará serve para Obaluaê espalhar e limpar as doenças do mundo.

A vestimenta que cobre o corpo de Obaluaê é chamada de axóicó e é feita com palha-da-costa. Esta roupa é composta por duas partes principais. A primeira parte que cobre todo o seu rosto e desce até boa parte do seu dorso é chamada de filá. A segunda parte é uma espécie de saia, também confeccionada com palha-da-costa. A vestimenta de Omolu também é composta por alguns ornamentos, o primeiro deles é o brajá, colar feito com carreiras de búzios superpostas, e o segundo é o xorô, que é usado no tornozelo dos iniciados, remetendo ao que foi dado por lemanjá a Obaluaê para que a mesma conseguisse localizá-lo quando necessário. O último símbolo ligado a Obaluaê é o baguidibá, feito com rodela de casca de certas árvores e com as cascas da semente de coquinho ou com lascas de chifre de búfalo, que é o seu principal fio-de-contas.

O próximo tópico versará sobre as principais mitologias a respeito do orixá Obaluaê, tendo como fonte o livro “Mitologia dos Orixás” (PRANDI, 2001) de Reginaldo Prandi. Algumas informações novas serão trazidas nessa parte assim como alguns complementos de informações anteriores. Com as mitologias será possível sanar algumas dúvidas que por ventura podem ter surgido até aqui.

4.1 Os mitos sobre Obaluaê

O primeiro mito que apresentamos, diz respeito ao momento no qual Obaluaê é castigado com a varíola ao desobedecer a sua mãe. Segundo esse mito a mãe de Obaluaê - que aqui não tem seu nome identificado - diz para ele que ele não deve pisar nas flores, porém, Obaluaê era um menino muito desobediente, uma característica bem recorrente nas suas narrativas, e pisou propositalmente nas flores. Quase que instantaneamente Obaluaê viu seu corpo se encher de pústulas e bolhas horríveis. O orixá, com muito medo, gritou à sua mãe pedindo que ela o livrasse dessa peste e a mãe dele disse que isso aconteceu porque ele havia desobedecido as suas ordens, mas que ela o iria ajudar. A mãe de Obaluaê, então, pegou um punhado de pipoca, que aparece aqui pela primeira vez, e já de maneira muito positiva na mitologia desse orixá, e jogou no seu corpo, fazendo com que as feridas desaparecessem e Obaluaê ficasse são.

O segundo mito conta sobre o momento em que Omulu ganhou o nome de Obaluaê. Nesse mito, Omulu saiu de sua casa aos doze anos para oferecer os seus trabalhos, porém, ninguém o empregava e ele teve que pedir esmola. Ninguém dava nada a ele, nem o que comer, nem o que beber e a sua única companhia era a de um cachorro que lambia as suas feridas, aqui é possível enxergar umas das semelhanças entre Obaluaê, São Roque e São Lázaro, que possivelmente, facilitou o processo de sincretismo.

Até que um dia, Omulu escutou uma voz que dizia para ele “estás pronto. Levanta e vai cuidar do povo”. Omulu viu que as suas feridas haviam sido curadas e ele então juntou as suas cabacinhas, onde guardava os remédios, e partiu. Havia uma peste infestando a terra, e Obaluaê varria a peste da terra com o seu xaxará. Todos aqueles que antes o negavam emprego, água e comida agora o louvavam e cantavam o curandeiro chamando-o de Obaluaê, o Senhor da Terra.

O terceiro mito fala sobre quando Obaluaê teve as suas feridas transformadas em pipoca por Iansã. Antes de começar o mito é importante ressaltar o aparecimento, novamente, da pipoca como instrumento para a cura das feridas de Obaluaê. Essa é a segunda vez que as pipocas aparecem com esse aspecto positivo, o que explica muito bem o porquê das pipocas serem uma das principais oferendas para este orixá. O mito conta que havia uma grande festa acontecendo na aldeia onde Obaluaê nascera, com a presença de todos os orixás. Porém, Obaluaê não podia entrar na festa devido a sua aparência medonha. Ogum, ao ver Obaluaê se espreitando pelas frestas do terreiro para observar a festa, o cobriu com uma roupa de palha, origem mitológica do filá, que ocultava a sua cabeça e o convidou para entrar e aproveitar a festa. Apesar de envergonhado, Obaluaê entrou, mas dele ninguém se aproximava. Iansã que observava a situação de longe, esperou até que Obaluaê se posicionasse bem no centro do barracão. Quando o orixá estava no centro da festa, Iansã chegou bem perto dele e deu um sopro que levantou a sua roupa e fez com que todas as feridas de Obaluaê pulassem para o alto e fossem transformadas em pipocas que se espalharam pelo barracão. A partir desse dia Obaluaê e Iansã se tornaram grandes amigos e compartilharam o poder de reinar sobre o mundo dos espíritos e dos mortos, aqui encontramos uma origem mitológica da relação de Obaluaê com o mundo dos mortos e consequentemente com os cemitérios.

O quarto mito conta sobre a conquista do Daomé por Obaluaê. Nesse mito, Obaluaê é descrito como um guerreiro sanguinário que atingia a todos os seus inimigos com a peste. Os habitantes do Daomé, ao saber da sua chegada, fizeram a ele oferendas com muita pipoca, inhame pilado e dendê e se prostraram diante dele em total submissão. Obaluaê ficou muito satisfeito com a sujeição e com as oferendas do povo do Daomé e declarou que a partir daquele dia seria naquele reino que ele viveria. Foi ali, nas terras mahis, que Obaluaê ganhou o nome de Sapatá, sendo preferível chama-lo de Aion ou Jeholu.

O quinto mito fala sobre quando Xapanã - outro nome de Obaluaê - ganhou o segredo da peste na partilha dos poderes feita por Olodumare. Um dia Olodumare decidiu distribuir seus bens e disse aos seus filhos que se reunissem e fizessem a partilha das riquezas do mundo entre si. Ogum, Exu, Ocô, Xangô e Xapanã deveriam dividir os poderes e os mistérios das coisas da terra entre si, porém, nesse dia Xapanã não estava presente. Todos os outros orixás escolheram os seus mistérios e os seus poderes, porém, quando Xapanã chegou a única coisa que havia sobrado para ele foi o desprezado poder sobre as pestes.

Xapanã não se conformou com o golpe dado nele pelos seus irmãos e foi procurar Orunmilá para que este o ensinasse a fazer com que o seu poder fosse maior do que os dos outros. Orunmilá então o ensinou a fazer sacrifícios e Xapanã os fez. Um dia, uma doença se espalhou pelo mundo. Essa doença era a varíola. O povo, que estava desesperado, fez sacrifícios e oferendas a todos os orixás, porém, nenhum deles tinha o poder de ajudá-los. O povo então foi procurar Orunmilá para saber o que fazer. Orunmilá então, disse para eles que a epidemia estava acontecendo porque Xapanã estava revoltado por ter sido passado para trás pelos seus irmãos na divisão dos poderes de Olodumare. Orunmilá disse para o povo fazer oferendas para Xapanã, pois apenas ele poderia conter a varíola, já que este era o seu poder, o poder sobre as pestes. O povo então pediu a proteção a Xapanã e realizou sacrifícios e oferendas em suas homenagens e a epidemia então foi dizimada. Após esse dia, Xapanã passou a ser respeitado por todos. Seu poder era infinito, maior que o de todos os seus irmãos.

O sexto mito conta sobre o momento em que Sapatá foi proibido de viver junto com os outros orixás. O mito conta sobre um festival feito para a comemoração da colheita de batata-doce. Nesse festival, todos os orixás dançavam e bebiam vinho de palma, menos Sapatá. Sapatá tinha uma perna de madeira e se movia com a ajuda de uma bengala, por isso, tinha vergonha de dançar. Todos estavam dançando, enquanto Sapatá estava sentado sozinho e em silêncio - solidão e o silêncio são características bem marcantes da personalidade desse orixá, assim como um certo receio quanto a sua aparência ou debilidades físicas - até que os outros orixás começaram a insultar Sapatá para que este entrasse na dança. Sapatá, por não tolerar mais os insultos dos outros orixás, resolveu entrar na dança.

Com a ajuda da sua bengala, Sapatá se ergueu e começou a dançar, porém, a sua dança era cambaleante, por conta da perna de madeira e por conta da quantidade de vinho de palma que ele havia tomado, e o orixá acabou caindo, o que revelou a todos os outros orixás a sua perna de pau. Os demais orixás começaram a rir e a zombar de Sapatá, que em um acesso de raiva começou a golpear a todos com o seu bastão. Todos aqueles que foram golpeados pelo bastão -o xaxará- de Sapatá adoeceram. Obatalá ao saber de todo o ocorrido ficou extremamente bravo com os orixás e com Sapatá. Obatalá condenou a forma como os demais orixás trataram Sapatá mas disse que isso não dava a Sapatá o direito de fazer justiça com as próprias mãos, por isso, ele deveria ser punido também. Obatalá então o condenou a viver fora da comunidade, na mata, para onde Sapatá havia fugido quando soube da ira de Obatalá, pois ele não era uma pessoa confiável para viver em grupo. Desde então, Sapatá vive sozinho, é solidão que sempre acompanha Obaluaê nas suas histórias, na mata, longe dos outros orixás.

O sétimo mito conta a história de como Omulu ganhou o nome de Jeholu, o Senhor das Pérolas. Quando Omulu era pequeno a sua mãe Nanã o abandonou em uma gruta perto da praia porque ele estava doente e coberto pela varíola, ao ver Omulu abandonado na gruta lemanjá o acolheu e lavou as suas feridas com a água do mar. O sal da água do mar secou as feridas de Omulu e ele se tornou um homem forte, mas ainda com as cicatrizes das feridas causadas pela varíola. lemanjá então fez uma roupa de ráfia e deu a Omulu para que ele pudesse esconder as marcas do que antes foi a varíola. Omulu andava por todo canto e por onde ia deixava ora cura, ora doença, ora saúde. Porém, apesar de todo o seu poder, Omulu ainda era um homem pobre. lemanjá, que não se conformava com a pobreza de seu filho adotivo, resolveu dar a ele algo de muito valioso, as pérolas que as ostras fabricam para ela. lemanjá chamou Omulu e disse para ele que de agora em diante seria ele o responsável por todas as pérolas do mar, ostentando muitas delas em colares e mais colares e sendo chamado de Jeholu, o Senhor das Pérolas.

O oitavo mito conta sobre a morte e a ressurreição de Obaluaê a pedido de Oxum. Segundo a narrativa Obaluaê era muito mulherengo, um galanteador, um conquistador e um homem sem disciplina, que não obedecia a ninguém. Essas duas características são bem recorrentes nas narrativas míticas de Obaluaê . Ele é sempre descrito como um orixá teimoso, que não segue as normas e que é mulherengo. Durante um período ritual, Orunmilá advertiu a todos os orixás que estes se abstivessem do sexo, mas Obaluaê não cumpriu a ordem de Orunmilá e quebrou o tabu ritual.

No outro dia Obaluaê acordou com o corpo repleto de chagas. As mulheres de Obaluaê foram até a casa de Orunmilá e pediram para que ele intercedesse por Obaluaê frente a Olofim para que este retirasse a doença e curasse Obaluaê, porém, Olofim recusou e Obaluaê morreu. Porém, Orunmilá não se deu por vencido e espalhou o mel irresistível de Oxum por todo o palácio de Olofim. Olofim ficou deliciado e encantado com o mel de Oxum e perguntou a Orunmilá de quem era tal iguaria e Orunmilá disse que essa iguaria pertencia a uma mulher.

Olofim então convocou todas as mulheres e descobriu que esse mel era de Oxum. Olofim então pediu a Oxum que lhe desse mais desse mel e Oxum disse que daria o mel para ele sob uma condição: que ele ressuscitasse Obaluaê. Olofim aceitou a condição de Oxum e ressuscitou Obaluaê, porém, não retirou do orixá as chagas, permanecendo esse castigo para sempre com Obaluaê. Aqui vemos outra origem mitológica das chagas em Obaluaê.

Os mitos e as narrativas sobre Obaluaê apresentam muitos traços da sua personalidade e elucidam alguns elementos presentes nos seus rituais. Sobre a sua personalidade, algumas características aparecem de

maneira recorrente. Obaluaê é comumente retratado nos mitos como desobediente, belicoso, vingativo ou ressentido e mulhengo. Além dessas características, é possível observar que nas histórias Obaluaê é associado, normalmente, com a solidão, a rejeição, a baixa autoestima, a vergonha e uma certa desconfiança para os demais. Essa desconfiança é só uma das marcas de um relacionamento com o outro que se apresenta bastante conturbado e problemático nas histórias.

Um outro fator interessante nas narrativas míticas de Obaluaê são as figuras femininas que intercedem por ele. Obaluaê, que foi rejeitado pela sua mãe Nanã, tem três mitos, nas quais figuras femininas - no caso orixás - intercedem em seu favor. Isso acontece quando Iansã intercede por ele fazendo suas feridas se transformarem em pipoca, quando Iemanjá o acolhe como um filho e também cuida das suas feridas e o último quando Oxum pede a Olofin que ressuscite Obaluaê.

Não só aspectos da personalidade são elucidados pelas narrativas míticas desse orixá, mas também a sua relação com a pipoca, a origem/motivo da sua vestimenta e das suas feridas. A pipoca aparece em duas narrativas, aqui apresentadas. Em ambas, a pipoca é usada ou para curar as feridas de Obaluaê (quando sua mãe joga pipoca nas suas feridas) ou como manifestação da cura (quando Iansã transforma as feridas de Obaluaê em pipoca). Além da pipoca, a origem mítica das vestimentas de Obaluaê também aparece em duas narrativas, com mesmo plano de fundo, mas com dois agentes diferentes. Nas duas narrativas, a roupa de Obaluaê é dada a esse orixá para que ele possa esconder as marcas das suas feridas. No primeiro mito ela é dada por Ogum para que Omulu possa entrar na festa dos orixás sem se envergonhar de suas marcas e no segundo mito ela é dada por Iemanjá para que Obaluaê esconda as cicatrizes de suas feridas. Por fim, as origens de seus ferimentos também são apresentadas. Ambas, são colocadas como respostas ou castigos à sua desobediência. No primeiro caso, Obaluaê desobedece a sua mãe, e no segundo caso Obaluaê quebra o tabu que foi colocado a todos os orixás por Orunmilá.

4.2 Os Ritos em torno de Obaluaê

O principal ritual e a principal festividade dedicada a Obaluaê chama-se Olubajé. No Olubajé, tanto os iniciados a Obaluaê quanto os iniciados aos outros orixás, dedicam a Obaluaê uma grande homenagem. Nessa festa, todos são convidados a comer e a beber com o orixá. Seu intuito maior, além de ser o de homenagear Obaluaê, é o de servir para unir, tanto os orixás entre si, quanto os homens entre si, pois segundo o mito da festividade, nada une mais os seres do que comida e bebida postas em uma grande mesa. A nação Banto tem um ritual parecido com o Olubajé, que se chama Cucuana. O ritual da nação Fon é denominado de Andê e é feito internamente, apenas para os orixás que chegam para dançar e celebrar com os homens.

Além dos rituais citados acima, há um outro ritual que é pouco visto atualmente chamado de Peregrinação. Nessa peregrinação, os filhos de Obaluaê saem a pé por volta das seis horas da manhã, levando sobre a cabeça um tabuleiro que guarda um assentamento para o orixá com pipocas. Os filhos de Obaluaê andam com companheiros que carregam uma espécie de saco de estopa para receber as oferendas para o orixá. Essas oferendas, que foram arrecadadas, são usadas para ajudar a casa de candomblé desses praticantes. Esta peregrinação acontece geralmente entre sete e dezessete dias antes ao Olubajé, muito provavelmente para angariar fundos para essa grande festa.

Outros pontos importantes nos rituais a esse orixá são as folhas, a bebida, a roupa, as comidas, a saudação e as oferendas utilizadas. A folha ritual de Obaluaê é a mamona, a sua bebida ritual é o Aruá e a sua comida ritual predileta é a pipoca, como vimos anteriormente em sua mitologia, com fatias de coco. O dendê também é bem vindo por esse orixá. Em relação às vestimentas utilizadas nos processos rituais, elas são as mesmas das vestimentas dos orixás, pois o filho do orixá está vestido para o receber. Quanto aos animais sacrificados a Obaluaê não foi encontrado um consenso nos livros e textos pesquisados. Segundo o texto "O candomblé bem explicado" (BARROS, 2009, p. 251) os animais utilizados como sacrifícios a Obaluaê são o cabrito, o galo e a galinha-d'-angola em alguns terreiros. Já segundo o texto "Deuses africanos no Brasil contemporâneo" o animal usado como sacrifício a Obaluaê é o porco. A saudação à Obaluaê é Atotô que significa silêncio. O tabu dos seus filhos (iniciados que tem como orixá de cabeça Obaluaê) é o de ir a funerais.

4.3. Filhos de Obaluaê

De maneira geral os filhos, pessoas que tem este orixá de cabeça, de Obaluaê são pessoas reservadas, calmas, pacatas e pessimistas. São bastante altruístas e insatisfeitas. Não esquecem fácil das suas mágoas, são inteligentes, observadores e também geniosos. Não são adeptos da violência, apesar de parecerem carrancudos. São sinceros, honestos e bondosos com qualquer um que com eles crie um laço. São tímidos, cautelosos, envergonhados e adoram a solidão e o silêncio, como diz a saudação ao seu orixá (Atotô). Além disso, os filhos de Obaluaê costumam ser lentos, calmos e apaixonados, sempre vivendo uma grande história de amor. São frágeis fisicamente, sua saúde é debilitada e costumam ser vistos como pessoas feias esteticamente. São também vistos como fatalistas, dramáticos, exagerados e reclamões. Os filhos dos orixás no candomblé são uma espécie de espelho de seus pais, sendo muito fácil encontrar nas mitologias dos mesmos as correspondências com as características dos filhos. Os orixás encarnam assim os mais variados arquétipos da existência humana através dos seus mitos e das suas narrativas. Além disso os filhos de Obaluaê são denominados omolussi. Seu tabu, ou quizila, é o de ir a funerais, sendo proibido para eles tal ato. As cores das contas dos filhos de Obaluaê são o vermelho o branco e o preto.

5. Conclusão

O trabalho buscou apresentar a figura do orixá Obaluaê partindo, primeiramente, da cosmovisão do Candomblé para que fosse possível entender as funções dos orixás dentro desse todo. A partir da apresentação da cosmovisão do candomblé e da figura central de Olorum, que governa o mundo através dos orixás, foi possível entender a que parte do todo cada orixá está relacionado. Depois de entender a função macro dos orixás o trabalho se voltou para entender as funções específicas dos mesmos, de maneira resumida. Depois de apresentados os demais orixás o trabalho chegou ao seu ponto mais importante que era a apresentação da figura, dos elementos, dos ritos, dos mitos, dos filhos e das funções de Obaluaê. Obaluaê é, como foi dito na introdução do texto, um orixá complexo assim como é o candomblé. Obaluaê é um retrato da vida e das pessoas, que não podem ser classificadas como boas ou como ruins estritamente, mas sim, trazem a bondade e a ruindade em si. As pessoas são como Obaluaê e Obaluaê é como as pessoas, complexo e multifacetado. Tanto a esse orixá como a toda humanidade, nada é preto no branco e tudo é cinza.

6. Bibliografia

BARCELLOS, Mario Cesar. **Os orixás e a personalidade humana**. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2008.

BARROS, Marcelo. **O candomblé bem explicado (Nações Bantu, Iorubá e Fon)**. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2009.

BERKENBROCK, Volney J. **A experiência dos orixás**. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de. **Candomblé: religião do corpo e da alma**. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2000.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

PRANDI, Reginaldo. **Herdeiras do axé**. São Paulo: Hucitec, 1996.

VERGER, Pierre Fatumbi. **Orixás: deuses iorubas na África e no novo mundo**. Salvador: Corrupio, 1997.